

COMUNIDADES IMAGINADAS TRANSNACIONAIS: GLOBALIZAÇÃO, IDENTIDADE E ASCENSÃO DA ALT-RIGHT

*TRANSNATIONAL IMAGINED COMMUNITIES: GLOBALIZATION, IDENTITY AND THE
RISE OF THE ALT-RIGHT*

Carlos Luiz da Silva Souza Filho¹

¹Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: carlosluiz.ss.filho@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9468-0523>.

Recebido em: 27/06/2022 | Aceito em: 29/11/2022.





Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0

O presente artigo tem como objetivo analisar a ascensão do movimento Alt-Right à luz das contribuições do conceito de comunidades imaginadas, de Benedict Anderson. Evidenciando a importância de fenômenos do início do século XXI na criação de comunidades imaginadas transnacionais; como a revolução nas tecnologias de informação, os impactos sociais e econômicos do capitalismo neoliberal e eventos internacionais como a guerra global ao terror. No caso específico da Alt-Right, busca-se apontar para a construção de um nacionalismo pan-étnico com características e estratégias populistas, que explora as ambiguidades dos significantes "nação" e "povo". O artigo ainda pretende demonstrar que a globalização e as tecnologias da informação, nos moldes contemporâneos, longe de por fim as fronteiras e aos nacionalismos, parece estar agindo de modo a fortalecê-los e multiplicá-los.

Palavras-chave: Alt-Right; Nacionalismo; Populismo.

ABSTRACT

The current article aims to analyse the ascension of the Alt-Right movement in the light of Benedict Anderson's concept of imagined communities. Highlighting the importance of the twenty-first century phenomena on the development of transnational imagined communities such as; the revolution of information technology, social and economic impacts of neoliberal capitalism, and international events such as the global war on terror. In the specific case of the Alt-Right, the research aims to demonstrate the production of a pan-ethnic nationalism with populist characteristics and strategies, exploring the ambiguities of the words that designate "nation" and "people". Also, the article pursues to demonstrate that globalisation and information technologies, at current state, are far from extinguish boundaries and nationalisms, but on the contrary, they seem to be strengthening and multiplying them.

Keywords: Alt-Right; Nationalism; Populism.



Revista Neiba, Cadernos Argentina-Brasil, Rio de Janeiro, Vol. 11, 2022

Carlos Luiz da Silva Souza Filho

DOI: 10.12957/neiba.2022.68533 | e68533 | ISSN: 2317-3459

INTRODUÇÃO

As revoluções das tecnologias de comunicação, aliada ao fim da Guerra Fria no final do século XX, possibilitou a progressiva integração de mercados além da massificação de comunicações instantâneas em todo o globo, intensificando assim o processo de globalização. Sob essas condições, houve quem decretasse o fim das fronteiras e da relevância dos nacionalismos, em prol a uma sociedade global cosmopolita.

De lá para cá, proliferaram-se movimentos antiglobalização, conflitos nacionais e novas formas de nacionalismos, amparados pelas novas infraestruturas comunicacionais e alavancados pelas consequências da própria globalização, como tensões políticas, econômicas e sociais e os fluxos migratórios. Nesse ambiente, a internet, que fora a promessa do fim das fronteiras, tornou-se em muitos casos um território transnacional possível entre sujeitos com interesses, identidades e culturas similares, mas dispersos em diferentes territórios. A internet, constantemente utilizada por grupos diaspóricos e comunidades de imigrantes, deslocados de sua terra de origem, possibilita que esses mesmos grupos se mantenham em contato com a terra natal, seus símbolos, tradições e cultura. Contudo, a mesma internet passou a ser utilizada pelas comunidades receptoras, que veem no cosmopolitismo e processos de aculturação como um perigo ativo às suas próprias tradições, à sua ideia de comunidade étnica e identidade cultural.

Nesse contexto, o presente trabalho tem por objetivo analisar o surgimento e expansão do movimento conhecido com Alt-Right à luz de parte da literatura dedicada ao estudo do nacionalismo. Desse modo são especialmente importantes as contribuições de autores como Benedict Anderson, Braubaker, Kastoriano, Szulk e outros. A hipótese proposta é a de que o movimento Alt-Right pode ser analisado através de um prisma pan-étnico, em que se condensa a criação de uma comunidade imaginada transnacional através de discurso e estratégias populistas.

Nesse sentido, o presente trabalho busca apontar para a reincidência da confluência entre capitalismo, tecnologias de comunicação e especificidade humana, tal qual defendida por Benedict Anderson, mas no contexto do século XXI, com a surgimento da internet e a



intensificação da globalização. Essa confluência irá afetar as formas com que as identidades culturais interagem e como são obrigadas a se renegociar a partir dessa interação, dando fôlego às estratégias populistas e movimentos reativos à globalização contra processos de hibridismo cultural e aculturação.

1. O ESTUDO DOS NACIONALISMOS

O estudo sobre o fenômeno do nacionalismo atrai a atenção de pesquisadores há mais de um século. Braubaker (2020, p.46) apresenta um panorama desse estudo que começou na virada do século XIX para o século XX, atraindo diferentes campos do saber, como a psicologia e história. Após a segunda guerra mundial o tema foi se consolidando cada vez mais, objeto de estudos de outros campos das ciências sociais. É nesse contexto que Braubaker (2020) cita a contribuição de grandes autores para o estudo do nacionalismo, que se tornaram referência; Anthony Smith, Ernest Gellner, Benedict Anderson e Eric Hobsbwan. De modo geral, o estudo do nacionalismo, principalmente em seus primórdios, descreveu, e de certa forma prescreveu, a nacionalidade, ou mesmo a nação, como o fio condutor, o telos, que todas as comunidades humanas deveriam percorrer. Foi descrita e construída como um acontecimento de transformações e inovações culturais, econômicas e políticas atreladas à modernidade, fosse como um novo princípio de legitimidade política e uma nova forma de identidade cultural ou mesmo uma nova forma de estabelecer uma comunidade imaginada (Braubaker, 2020, p.47).

O presente trabalho observa o fenômeno dos nacionalismos a partir de um prisma cultural, e nesse sentido utiliza conceitos e contribuições desenvolvidas por Benedict Anderson (2011). Anderson (2011p.31), cita como o seu objeto de estudo, o nacionalismo, é frequentemente cercado por uma série de paradoxos; a modernidade histórica do nacionalismo, em oposição à percepção de antiguidade e enraizamento histórico que seus adeptos reivindicam; a universalidade sociocultural da nacionalidade, por estar presente em todo o globo, contra a particularidade concreta de sua manifestação, ou seja, há nações por todo globo, mas todas se identificam como diferentes umas das outras; o forte poder político e mobilizador dos nacionalismos, contra sua pobreza conceitual geral. É nesse contexto em que o autor oferece uma definição de nacionalismo que dialoga com esses paradoxos, na medida em que ao mesmo tempo



atesta a nacionalidade como uma produção cultural sem que isso incorra analisá-la de modo excessivamente sónico e racionalista. Reconhecendo a força de seu apelo cultural e emocional, o autor escreve: "Assim, dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada - e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana." (Anderson, 2011, p. 32). Desse modo, o fato de ser imaginada responde à sua universalidade, o fato de ser limitada responde a sua particularidade e o fato de ser, ou buscar ser, soberana responde ao seu poder de mobilização, sua busca por liberdade (Anderson, 2011, p. 32-34).

Ainda segundo o autor, tanto o nacionalismo quanto a condição nacional são produtos culturais específicos do final do século XVIII, a partir de processos históricos e dinâmicas sociais orgânicas, que posteriormente puderam ser apropriados e transplantados de modo intencional em diversas realidades sociais, e suas respectivas realidades políticas e ideológicas (Anderson, 2011, p.30). Ele irá identificar, entre os séculos XVI e XVIII, três motores fundamentais para a disseminação das comunidades imaginadas nacionais:

O que tornou possível imaginar as novas comunidades, num sentido positivo, foi uma interação mais ou menos casual, porém explosiva, entre um modo de produção e de relações de produção (o capitalismo), uma tecnologia de comunicação (a imprensa) e a fatalidade da diversidade linguística humana. (Anderson, 2011, p 78).

Essa conjunção de fatores possibilitou a emergência de línguas vernaculares cada vez mais homogêneas e territorializadas, importante base para o que viria a ser a consciência nacional, em que leitores se reconheciam como que ligados pela mesma língua impressa, a mesma que os possibilitava à conexão com um passado comum, através de um conhecimento reproduzível e armazenável (Anderson, 2011, p 80). Essa confluência, entre capitalismo, tecnologias de comunicação e linguagem, observada por Anderson é particularmente importante de ser observada em contextos mais recentes e contemporâneos.

2. REVOLUÇÕES TECNOLÓGICAS, GLOBALIZAÇÃO E NACIONALISMOS

De certa forma, semelhante confluência pode ser percebida no final do século XX, em que revoluções tecnológicas dos meios de comunicação, sendo a massificação da internet sua maior



materialização, e as novas configurações do capitalismo, irão novamente mexer com as formas e possibilidades de se imaginar comunidades. Castells resume esse cenário da seguinte forma:

“Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias de informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável. [...] o próprio capitalismo passa por um processo de profunda reestruturação caracterizado por maior flexibilidade de gerenciamento [...] considerável fortalecimento do papel do capital vis-à-vis o trabalho [...]” (Castells, 2008, p.61)

Essas transformações aceleraram de forma intensa os processos de globalização, incrementando os fluxos de informação, de bens e pessoas por todo o mundo. Num primeiro momento, Szulc (2017, p.55) comenta que alguns autores defendiam a ideia de que nesse cenário em que a globalização e comunicação instantânea, as fronteiras nacionais e territoriais seriam insignificantes, as identidades nacionais se tornariam cada vez mais fracas. Porém, como o autor constata, o advento da internet apenas recolocou as questões de nacionalidade ou de identidade étnica e sua relação com a mídia e a informação:

As Diamandaki (2003) points out, ‘the Internet poses anew the issue of national or ethnic identity. It is another archive, mirror and laboratory for the negotiation of national and ethnic identity’. While some scholars perceive the Internet as the key agent of globalization, possessing a great potential for rendering territorial boundaries meaningless (Mills 2002, p. 69), promoting global understandings (Bulashova and Cole, 1995, in Curran 2012, p. 8) or even enabling ‘new forms of postnational identity’ (Poster 1999, p. 239), other scholars argue not only that nations are very much there on the Internet but also that ‘nations thrive in cyberspace’ (Eriksen 2007, p. 1) and point to, for example, the online presence of stateless nations (Eriksen 2007) or online networks of nationalistic groups (Caiani and Parenti, 2009). (In: SZULC, 2017, p55).

O mesmo autor pôde observar, a partir das contribuições de Michael Billing, de que a internet é uma arena em que o nacionalismo banal se reproduz de baixo para cima, ainda que sob concorrência de um cosmopolitismo banal. O autor descreve o conceito de nacionalismo banal como sendo reproduções sutis, inconscientes e imperceptíveis de uma nacionalidade em particular, ou ainda do mundo como sendo um mundo de nações (Szulc, 2017, p.54). Desse modo, a internet reproduziria o mundo como o mundo de nações de diversas formas; (1) no seu desenho e estrutura, por exemplo em domínios nacionais, como por exemplo, Brasil “.br” ou Reino Unido “.uk”; (2) o uso da multi-linguagem, como por exemplo nas versões nacionalizadas, em língua nacional, de grandes plataformas digitais, como Facebook ou Google (Szulc, 2017, p.58). Assim, longe de neutralizar os nacionalismos, a internet pode intensificá-los, na medida em que permite



compartilhamento contínuo de diversos símbolos nacionais, mesmo de nações sem Estado, reproduzindo em sua própria arquitetura o mundo como um mundo de nações.

Outro fator decisivo da globalização em relação ao nacionalismo é a forma que ela possibilita um contato, as vezes choque, entre diferentes comunidades imaginadas, culturas e identidades dentro de um mesmo território. Guibernau enfatiza como, de modo geral, o contato é fundamental na construção das identidades: "Identities are not fixed, immutable or primordial; rather they have a socio-cultural origin and are subject to transformations prompted by interaction. Similarity and difference are the dynamic principles of identification (Guibernau, 2013, p 16). Essas identidades que estão em constante negociação pelo contato são expostas, através da globalização, a um contato cada vez mais acelerado, muitas vezes dividindo um mesmo espaço, o que não raramente acaba levando a fortes tensões sociais. É o caso, como a autora mesmo salienta, da disseminação da cultura islâmica na Europa, resultante do fluxo migratório e de diásporas islâmicas após período de descolonização e posteriormente como resultado de guerras e crises humanitárias desencadeadas pela política da guerra global ao terror. Esses eventos semearam também desconforto por parte da população ocidental, na medida em que passaram a ser expostas a símbolos, signos, tradições e atos que veiculam a fronteira cultural e identitária de outros grupos étnicos e comunidades imaginadas; exemplos disso são os banimentos do uso de Nicab ou da Burqa em diversos países da Europa (Guibernau, 2013, p.9).

Aliado a isso, tem-se a questão de como a globalização e o capitalismo se expandiram sob a égide da modernidade ocidental, marcados por seu liberalismo, que valoriza o indivíduo, as inovações radicais e combate às formas de tradição que limitavam poder de escolha desse indivíduo, como religião, natureza e Estado absolutista (Guibernau, 2013, 16). Esse liberalismo ao instigar a liberdade, descentrar as identidades e desestabilizar tradições anteriores acabam por expor os sujeitos a uma sensação de ansiedade e medo social. Isso porque apesar de limitarem a ação dos indivíduos, a tradição também é responsável por transmitir senso de segurança, de pertencimento a uma comunidade, capaz de lhe acolher e dar sentido (Guibernau, 2013, p16).

Esse sentimento de insegurança, ansiedade e medo social, associado e alavancado por dinâmicas capitalistas de desestabilização social e econômica e intensa competição, assomado a crises migratórias e humanitárias pode servir de combustível para uma série movimentos políticos



reacionários, que buscam então defender sua cultura e etnia, percebida como que em perigo por esses fenômenos supracitados (Guibernau, 2013, p.21). Assim, segundo a autora:

According to some theories, there is a link between the revival of the radical right and the anomie experienced by some citizens in the West. They argue that ‘traditional social structures, especially those based on class and religion, are breaking down. As a result, individuals lose a sense of belonging and are attracted to ethnic nationalism, which according to psychological research increases a sense of self-esteem. For similar reasons, they may be attracted to family and other traditional values’. (Guibernau, 2013, p.22).

Por isso a autora é taxativa quando relaciona esses movimentos de retorno à tradição e aos valores conservadores como desdobramento do fracasso em administrar as consequências políticas, econômicas e sociais da globalização (Guibernau, 2013, p176). Hobsbawn (1997, p16) já, em parte, antevia essa dinâmica ao denunciar a forma com que o liberalismo, através de sua busca por inovação e ruptura com a tradição acaba por abrir espaço para que novas tradições fossem criadas e atualizadas. Guibernau (2013, p. 176) reafirma isso ao atestar que a tradição continuará sendo relevante e como princípio legitimador na sociedade contemporânea enquanto puder ser atualizada e reinventada. Ademais a autora ratifica como o sucesso que a extrema direita tem usufruído advém, em parte, por justamente saber mobilizar símbolos e rituais nacionais; a importância dessas tradições, símbolos e rituais, reside no elemento emocional da identidade, que escapa ao mero utilitarismo e racionalismo. A autora ainda afirma que apesar do individualismo ser promovido e exacerbado pela cultura moderna ocidental, os indivíduos possuem um elemento gregário e social que não pode ser negligenciado, pois os indivíduos sempre desejam fazer parte de várias formas de associação (Guibernau, 2013, p.180).

3. NOVOS NACIONALISMOS

Essas novas condições tecnológicas e econômicas não apenas afetaram formas mais tradicionais de nacionalismo, como impulsionaram grandes transformações nas formas com que os sujeitos vão se socializar, trocar símbolos, ideias e representações. Kastoriano (2007) vai observar como esse ambiente tornou propício o surgimento de formas mais des-territorializadas de ideias e movimentos nacionais, chamando atenção para o surgimento de movimentos nacionalistas transnacionais e pan-etnicismos. Sobre o primeiro, o autor vai definir:



“The term ‘transnationalism’ portrays bonds of solidarity that are based on an identity - national, religious, linguistic, or regional - and that extend across national borders. The Phenomenon of transnationalism is in large part the result of the development of means of communication, the appearance of large regional blocs and the increased importance of supranational institutions, which either originate or facilitate the organization of transnational networks.” (Kastoryano, 2007, p. 160).

O contexto em que o autor descreve esses movimentos é utilizado para entender como as comunidades de imigrantes estabelecem novas relações a partir de vínculo e comunicação com a terra natal, no caso dele, o Islã, dentro de um território estrangeiro, no caso europeu. Porém, a proposta do presente trabalho é de utilizar esses materiais conceituais para pensar em como as sociedades europeias receptoras acabam por percorrer caminho similar, ao reagir àquelas comunidades de imigrantes que vão se estabelecer na Europa. Isso porque passam a perceber o cosmopolitismo e multiculturalismo como ameaça a sua suposta e imaginada homogeneidade cultural e étnica. A ameaça, percebida por grupos tradicionalistas em múltiplos territórios na Europa, mas também Canadá e Estados Unidos, passam assim a compartilhar uma identidade comum pautada na herança comum de um passado europeu imaginado, branco e, muitas das vezes, cristão, carregando assim elementos que lhes permitem se imaginar como uma comunidade pan-étnica; comunidade de múltiplas origens e identidades que conseguem formar um único grupo com objetivo de construir uma entidade política que lhes confira legitimidade (Kastoryano, 2007, p 170). Esses movimentos ganham força a partir dos elementos de-territoriais da modernidade. A internet possibilita que esses atores se estabeleçam em redes transnacionais ‘delocalizadas’, criando territórios que funcionam como refúgios étnicos - “ethinoscapes” no original -, ricos em recursos imaginários (Kastoryano, 2007, p 172).

Braubaker (2020, p. 45) contribui também ao apontar para uma certa interdependência entre nacionalismo e populismo; seriam analiticamente diferentes, mas não independentes e mutuamente implicados. Isso ocorre porque tanto conceito de nação, como de povo são ambíguos, polissêmicos e em algumas circunstâncias podem vir a se sobrepor. Alia-se a isso a dupla dimensão de povo e nação que alguns movimentos, com a *Alt-Right*, operam; identificando-se como opostos verticalmente (contra aqueles que estão no topo, elite cosmopolita) e horizontalmente (contra aqueles que são de fora, imigrantes de outras etnias), mas também com uma interseção entre oposição vertical e horizontal, que vê elites como moralmente e



culturalmente estranhas a nação (Braubaker, 2020, p.46). Isso faz com que esses movimentos, algumas vezes descritos como etno-nacionalistas ou mesmo pan-étnicos, articulem elementos que são concomitantemente populistas e nacionalistas. Como Braubaker mesmo defende:

“This primary meaning of ‘nation’, to be sure, is itself ambiguous, denoting on the one hand a ‘civic’ or state-framed community, a community bounded and constituted by shared citizenship, and on the other hand a pre-political, ethnocultural community. When used in the latter, ethnocultural sense, ‘the nation’, like ‘the people’, can designate one part of the political community in opposition to another part that is construed as external to ‘the nation’, even if it belongs formally to the state.” (Brubaker, 2020, p. 50).

4. ALT-RIGHT, A CULTURA COMO OCUPAÇÃO TERRITORIAL

Enquanto a globalização contemporânea produz integração entre Estados, principalmente entre mercados, é também verdade que ela ajuda a promover uma fragmentação impulsionada de dentro para fora (Deiber, 2002 p.34). E é nessa lógica que se insere a ascensão do movimento de extrema direita a ser presentemente estudado, o *Alt-Right*. Hermansson e outros pesquisadores definem o movimento da seguinte maneira:

“We define the international ‘Alternative Right’ as an international set of groups and individuals, operating online though with offline outlets, whose core belief is that ‘white identity’ is under attack from pro-multicultural and liberal elites and so-called ‘social justice warriors’ (SJWs) who allegedly use ‘political correctness’ to undermine Western civilization and the rights of white males. Put simply, the ‘Alternative Right’ is a far right, anti-globalist grouping that offers a radical ‘alternative’ to traditional/ establishment conservatism.” (Hermansson *et al.*, 2020 p.2).

Ainda segundo esses autores, o *Alt-Right* é um movimento sem líderes ou organização centralizadora, disperso numa rede amorfa e majoritariamente virtual na internet através de *blogs, vlogs, podcasts* e fóruns virtuais, e que ganhou destaque na primeira década do século XXI. Para fins de ilustração, talvez um caso recentíssimo que ilustre a *Alt-Right* seja o movimento de caminhoneiros no Canadá. O movimento reivindica o direito a não se vacinar, fazendo assim uma paralização na capital do país. Apesar de não ter representatividade nacional e nem na categoria profissional, (cerca de 90% dos caminhoneiros canadenses se vacinaram e o grupo que representa



a categoria no país não apoia o movimento) o movimento ganhou as redes, e uma série de apoiadores internacionais, como o ex-presidente dos EUA, Donald J. Trump².

Em termos de composição mais geral, Hermansson e seus colegas identificam três principais grupos na formação do movimento transnacional da *Alt-Right*, o movimento europeu *New Right*, o movimento estadunidense *Alt-Right* e por fim, comunidades antagonistas online, grupo de usuários de internet reacionários que se engajam em campanhas difamatórias (Hermansson *et al.*, 2020 p.3). O que une esses indivíduos dispersos é uma visão de mundo similar, pautada pela raça, o identitarismo branco, chauvinismo e conservadorismo, que assim os opõe a grupos minoritários, como movimento LGBTQ+, o feminismo, os imigrantes e a uma suposta hegemonia 'esquerdista' e democrático-liberal da cultura, transmitida pela globalização (Hermansson *et al.*, 2020 p.2). Individualmente, aqueles grupos e movimentos de extrema direita e conservadores não são novos, mas Hermansson (2020 p.3) argumenta que a inovação por trás do *Alt-Right* é justamente ser formado pela fusão e conglomeração desses movimentos locais e menores, numa escala agora transnacional. De acordo com o autor esse movimento foi impulsionado pelo mal-estar e ressentimento desses grupos em relação a globalização, por sentirem-se não mais como os maiores beneficiários do fenômeno, que agora se expande com características cosmopolitas, ameaçando assim as fronteiras de suas alegadas heranças e tradições étnicas ocidentais. O cosmopolitismo seria então entendido como elemento liberal que considera que todos os indivíduos humanos, independente de sua origem ou filiação política, devem ser considerados como cidadãos de uma mesma comunidade (Hermansson *et al.*, 2020 p.25). Ao lado da globalização o autor situa importantes marcos históricos no contexto do crescimento do movimento, como as revoluções nas tecnologias de comunicação, a internet, a guerra global ao terror, crise financeira global de 2008, a guerra contra o Estado Islâmico e a consequente crise de refugiados do mediterrâneo, levando a grandes processos de aculturação.

É então a suposta associação entre globalização e cosmopolitismo, chamada de globalismo, que os membros da *Alt-right* irão identificar como sendo uma forma de imposição e

²Walker, Cris Stokel. (2022). *The Alt-Right on Facebook Are Hijacking Canada's Trucker Blockade*. Wired, San Francisco, 08 de fev.



dominação cultural, levada a cabo por uma elite econômica e cultural transnacional (Hermansson *et al.*, 2020 p.26). Essa dominação cultural colocaria em risco as definições e os modos de vida do homem branco e sua cultura europeia ocidental, por intensificar e propagar processos de aculturação, seja simbólica, na cultura, ou seja, no território, pelo fluxo de migrantes e diásporas. Daí a importância das contribuições do movimento europeu Nova direita (*New Right*), que articula ideias de etno-pluralismo, defendendo a noção de que diferentes grupos culturais podem existir, mas devem ser separados uns dos outros (Hermansson *et al.*, 2020, p27). O que esses grupos defendem são as fronteiras de uma suposta homogeneidade étnica e seu direito à imaginária continuidade e herança com a cultura branca europeia, como o autor explica:

“As explained above, identitarianism is a political ideology that seeks to preserve ethnically and culturally rigid groups. Taking these two ideas together, this meant that the global cultural cause of the Alternative Right was to ‘protect’ its (mythologised) white, Christian, European heritage from the inherent ‘threats’ of migration from and influence of those that fell outside of this category.” (Hermansson *et al.*, 2020 p29)

Uma vez delineado no que consiste o movimento, bem com seu objetivo, a pergunta que falta a ser respondida é, como a *Alt-Right* busca alcançar esse objetivo. A resposta a essa pergunta acaba por ser tão contraditória quanto o fenômeno que impulsionou o movimento, aliás, de certa forma, a resposta coincide com esse fenômeno, a globalização. Hermansson (2020, p.29) defende que o movimento viu nas tecnologias da globalização, como as grandes plataformas de comunicação, redes sociais e a internet como um todo, não apenas formas de recrutamento, propaganda e financiamento, mas também um território possível a ser ocupado, que permitiu ao grupo a possibilidade de criar uma visão de si a ser compartilhada.

Hermansson (2020, p. 66-67) dá noções desse compartilhamento e troca transnacional a partir da interação de diversos meios de comunicação e editoras, como a *Counter-currents* e *Arkos media*, ligadas ao movimento, que passam a traduzir autores influentes do movimento para diversas línguas como Francês, Alemão e Inglês. Esses autores e editoras atuam ainda num grande ecossistema de *blogs* e *vlogs* espalhados em múltiplas plataformas digitais. Desse modo acabam criando seu próprio espaço de trocas culturais, simbólicas e identitárias, que transcende as barreiras territoriais.



Nesse contexto, também é relevante o conceito mobilizado por eles de metapolítica, que segundo o autor, consiste na apropriação das teorias marxistas de Antônio Gramsci, mobilizadas para fazer uma verdadeira guerra cultural em favor dos ideais do identitarismo branco, conservador e que não raramente se mescla com supremacismo, fascismo e nazismo. A metáfora da metapolítica é a ocupação da cultura, assim como a política seria a ocupação territorial (Hermansson *et al.*, 2020, p.29).

Assim, o movimento usa essa tática para criar seus próprios sistemas de representação, e sua própria comunidade imaginada, a partir de símbolos culturais disponíveis e aceitos, subvertendo-os aos seus próprios sentidos. Desse modo, se apropriam de representações e símbolos culturais para realizar a própria guerra cultural, como a estética dos anos 1980, com amplas referências aos ao futurismo, classicismo, rock e à cultura "sinthwave". Também frequentemente usam do humor, racista e controverso, e de parodização de músicas de sucesso comercial para tornar discurso extremo mais "palatável" ao público jovem (Hermansson *et al.*, 2020, p.112). A importância estratégica da TV e do cinema também não saem despercebidos, seja na produção de pequenas series animadas de humor racista, ou até pela reinterpretação de filmes e grandes produções populares, para que sejam vistos sob a ontologia da extrema direita (Hermansson *et al.*, 2020, p.114). O movimento ainda realiza ocupação na comunidade de jogos eletrônicos, considerada por eles como o último bastião contra feminismo e marxismo cultural. O movimento vem também explorando um código de vestimenta próprio explorando roupas mais sofisticadas, de modo a projetar uma imagem de normalidade e de refinamento. Comum a todas essas intervenções é a apropriação da cultura popular global, em que a ambiguidade caminha lado a lado com a introdução dos elementos de sua guerra cultural branca, constantemente supremacista. O objetivo é mudar a forma com que a extrema direita é popularmente representada em prol de uma imagem comum e familiar (Hermansson *et al.*, 2020, p.118). Se sua estratégia falha em criar uma cultura autenticamente nova, o que é sempre impossível, contudo seu inegável sucesso, atestado pelo crescimento do movimento nos últimos anos, é justamente fruto dessa ambiguidade que confunde adversários, permitindo que elementos de sua guerra cultural cheguem até a cultura popular *mainstream*, multiplicando assim as fontes de sua propaganda bem como melhor articulando uma rede transnacional pautada no identitarismo



branco, percepção de uma história e etnia compartilhada ocidental, bem como de sistemas de representação e tradições compartilhadas.

CONCLUSÃO

De fato, o tema do estudo dos nacionalismos não é novo, chama a atenção de especialistas e estudiosos desde finais do século XVIII. Inicialmente o nacionalismo foi descrito e prescrito como sendo universal e particular, sinônimo de modernidade e como processo civilizatório fatal a todas as comunidades humanas. À medida em que conflitos nacionalistas foram se expandindo, essa visão teleológica foi sendo deixada de lado, e o aspecto fragmentador dos nacionalismos passou a ser mais observado.

Dentre a vasta literatura acerca dos nacionalismos, o presente trabalho se debruçou sob aquela de Benedict Anderson, que vê o nacionalismo como um produto cultural complexo, chamado por ele de comunidade imaginada. Dentro da ideia de comunidade imaginada, o autor destacou a importância da confluência do capitalismo, do nascimento da imprensa e da diversidade humana para aquilo que viria a se cristalizar como consciência nacional. Através da padronização da linguagem, alimentada pelo nascimento da imprensa, sujeitos dentro de um mesmo território, e mercado editorial, podiam se identificar como pertencentes a mesma comunidade.

O presente trabalho defende a ideia de que semelhante confluência desses fenômenos ocorreu entre o final do século XX e início do XXI. A revolução tecnológica dos meios de comunicação, bem como pressões do modelo neoliberal sobre o trabalho e a integração dos mercados, fez acelerar o processo de globalização. A globalização acelerada obrigou comunidades imaginadas, ou seja, os nacionalismos, etnias e culturas, a entrarem e estabelecerem contato de forma muito mais intensiva. Esse contato continuado leva a um processo intenso de renegociação das identidades nacionais, suas culturas, sistemas de representação, bem como tradições e percepção de passado.

De modo geral, a falha em administrar as consequências políticas, sociais e econômicas da globalização levou a mobilização de grupos reativos à mesma. Dentre esses grupos, o presente



trabalho abordou a emergência da *Alt-Right*. Esses grupos reivindicam a necessidade de proteger as diferenças étnicas, identitárias e culturais. Vêm as elites locais, políticas e econômicas, como colaboradoras da hegemonia liberal cosmopolita, adotando frequentemente um discurso. Essa identificação das elites como estranhas aos movimentos étnicos locais, conferem ao emergente movimento traços populistas.

A internet, que num primeiro momento era vista como destituída de fronteiras nacionais, passou protagonizar formas de nacionalismo banal, reproduzindo as diferenças nacionais, étnicas e identitárias no seio de sua arquitetura e estrutura. Não demorou muito para que múltiplos grupos identitários, espalhados pela Europa ocidental, Estados Unidos e Canadá passassem a utilizar da infraestrutura em rede da internet para compartilhar uma visão do mundo comum, seus símbolos, linguagem e cultura própria. A rede se tornou um território transnacional em que visões pan-étnicas eram propagadas, compartilhadas e veiculadas como uma grande comunidade imaginada transatlântica.

Essa comunidade imaginada da direita alternativa se constitui através de um amplo ecossistema de editoras, *blogs* e *vlogs* em múltiplas plataformas e redes sociais. Trabalham ativamente em conjunto, apesar de não existir lideranças centralizadoras. O processo de construção de uma identidade compartilhada não territorializada pode ser vista através de seus esforços em trocar, traduzir e propagar uma literatura própria, que vem buscando instituir uma consciência e identidade comum, a despeito das particularidades locais. Nesse sentido, os efeitos fragmentadores da própria globalização, ao invés de decretar um fim aos nacionalismos, apenas lhes deu maior fôlego e lhes propiciou novas configurações. É nesse contexto que surgem estudos recentes sobre nacionalismos transnacionais, categoria que o presente trabalho defende como sendo o da *Alt-Right*.

Autores como Hobsbawn já sinalizavam para a possibilidade de um cenário em que os elementos antitradicionais do liberalismo poderiam acabar levando a criação e evolução de novas formas de tradição e tradicionalismos. O que se vê hoje é a comprovação desse fenômeno, em que as tradições reforçaram sua força legitimadora, e que movimentos identitários incrementam seus adeptos. Isso ocorreu em parte porque o individualismo liberal, ao deixar os indivíduos à deriva e isolados, criou as condições para que esse sujeito possa se sentir seguro e amparado em



agregações identitárias. É nesse contexto que a ascensão de novas formas de se estabelecer comunidades imaginadas, possibilitadas pela própria globalização, passa a atrair adeptos. Assim, a Alt-Right, soube, com sucesso, canalizar esse sentimento, capturar símbolos e tradições, reivindicar um passado branco, pan-étnico (de origem europeia) em comum capaz de estabelecer uma comunidade imaginada transnacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, B. R. O.; Bottman, D. (2011). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Brubaker, R. (2020). Populism and nationalism. *Nations and Nationalism*, 26 (1) pp. 44–66.
- Castells, M. (2008). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Deibert, R. (2002). 'Hyper-realities of world politics: Theorizing the communications revolution', in Potter, E. H. (Ed.). *Cyber-diplomacy: Managing foreign policy in twenty-first century*. McGill Queen's University press, Montreal, pp.27-48.
- Guibernau, M. (2013). *Belonging: solidarity and division in modern societies*. Cambridge: Polity press.
- Hermansson, P. et al. (2020). *The international alt-right: fascism for the 21st century?* Abingdon, Oxon. New York: Routledge.
- Hobsbawn, E. Ranger, T. (1997). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Kastoryano, R. (2007). 'Transnational nationalism: redefining nation and territory', in Benhabib, S.; Shapiro, I.; Petranovic, D. (eds.), *Identities, affiliations, and allegiances*. New York: Cambridge University Press. Pp. 159-181.



Szulc, L. (2017). 'Banal Nationalism in the Internet Age: Rethinking the Relationship Between Nations, Nationalisms and the Media', in M. SKEY e M. ATONSSICH (eds.), *Everyday nationhood: theorising culture, identity, and belonging after banal nationalism*. London: Palgrave Macmillia, pp. 53- 77.

Walker, C. S. (2022). 'The Alt-Right on Facebook are hijacking Canada's trucker blockade'. Disponível em: <<https://www.wired.com/story/ottawa-trucker-protest-facebook-alt-right/>> [Acesso em 20 mar. 2022]

